

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

MEMÓRIAS E IDENTIDADES¹

Adama Coulibaly

Adama Coulibaly é professor no departamento de Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade Félix Houphouët-Boigny (Costa do Marfim), especialista do pós-modernismo literário e dos fenômenos de transferências culturais e literárias. As suas investigações centram-se na teoria literária, na renovação da escrita romanesca subsaariana e na semiótica narrativa. É autor de artigos e ensaios, dos quais destacamos *Des techniques aux stratégies d'écriture dans la création romanesque de Tierno Monénembo*, Paris, L'Harmattan (2011) e *Le postmodernisme littéraire et sa pratique chez les romanciers francophones*, Paris, L'Harmattan (2017). Co-dirigiu, também, várias obras coletivas, nomeadamente o número 17 da revista *En-Quête*, subordinado ao tema “Intertextualité et Transculturalité” (2007).

O fragmento que traduzimos integra uma publicação coletiva dedicada à memória e à forma como esta influi na criação literária

¹ Kanaté Dahouda, Sélom K. Gbanou (dirs.), (2008). “Identité métisse, mémoire et fictions chez Henri Lopès”, in *Mémoires et identités dans les littératures francophones*, Paris: L'Harmattan, pp. 33-45. O autor refere que o artigo é parte de um projeto de investigação que desenvolveu sobre a problemática do pós-modernismo literário na África francófona no Sul do Sâara, pelo qual a AUF (Agência Universitária Francófona) lhe concedeu uma bolsa de aperfeiçoamento na Cátedra de Investigação do Canadá em Transferências Literárias e Culturais.

francófona. Os seus ensaios questionam as relações entre memória e construção de identidades francófonas num contexto de pós-modernidade e de migração. A reflexão proposta pelo autor detém-se na problemática da identidade mestiça na obra de Henri Lopès.

O campo dos estudos estruturais fundou a sua pertinência e o seu rigor em binómios fundamentais (língua e palavra, relato e discurso, sintagma e paradigma) cuja consequência foi o repugno da autobiografia enquanto forma literária em sentido estrito. O argumento reconhecido e admitido do transbordamento da identificação do narrador com a da personagem principal, que deriva da identificação problemática (que destruía os fundamentos da teoria da ficcionalidade da obra literária) do autor com o narrador, estava amplamente difundido. Criticar como estruturalista significava inscrever-se na rigidez da oposição “intra-literária” entre ficção e dicção. Esta leitura releva do positivismo lógico que John R. Searle censura tanto nos críticos literários em geral como nos desconstrucionistas em particular. Levando esta oposição ao extremo, o crítico formulou um julgamento que se destaca pela pertinência da posição assumida:

“Doravante, apenas existe o jogo livre dos significantes. O extremo limite [...] reside na afirmação de Geoffroy Hartmann segundo o qual a primazia da tarefa criadora incumbe, agora, ao crítico e não ao artista.”²

De facto, o romance tem a sua origem nos relatos épicos cuja referencialidade não oferece dúvidas. Portanto, definir o romance como “uma forma particular de relato” (segundo Butor) não invalida a sua

² Searle R. John, “Déconstruction, le langage dans tous ses états”, Paris: Éditions de l'éclat, Collection *Tiré à part*, 1992 (version française), pp. 29-30.

ficcionalidade (Stierle considera que “o texto de ficção se caracteriza essencialmente por ser uma asserção não verificável”), mas declina a sua especificidade identitária. No enquadramento do romance negro-africano, Georges Ngal, partindo da noção lançada por Ricœur, analisa a “identidade narrativa” como um “tipo de identidade à qual um indivíduo ou uma comunidade acede pela mediação da linguagem, [...] nomeadamente por via do exemplo dos textos romanescos e narrativos apreendidos como uma totalidade”³. Esta identidade narrativa lembra, também, o lugar preponderante de uma identidade enunciativa que representa um dos desafios da oposição das teorias sociocrítica e estruturalista para entender a obra literária: o impacto da remanência do autor e da imanência do sentido do texto. Em literatura, a questão relacionada com a identidade de “quem está a contar?” ganha, na “era da desconfiança”, uma nova amplitude para derrubar os fundamentos de uma total imanência do texto romanesco. A incompletude e a indecidibilidade do enunciado ficcional colocam certezas mínimas que se transformam em realidades do texto literário...

Esta problemática identitária pode ser intensa num autor como Henri Lopès, um mestiço que, nos romances *Le chercheur d'Afriques* e *Le lys et le flamboyant*, introduz a figura de um narrador mestiço. Estas duas obras parecem ocupar um lugar de destaque no pacto fantasmático de Lopès, no qual a temática da mestiçagem evolui em modo maior. Se, em *Le chercheur d'Afriques*, o narrador André dissemina os indícios que permitem apreendê-lo como uma ficcionalização de Lopès, no romance *Le lys et le flamboyant*, a encenação é mais técnica. Neste, Noël Victor Augagneur Houang (o narrador mestiço) entra em conflito com Henri Lopès (personagem intratextual) que terá elaborado uma biografia

³ Georges Ngal, *Création et rupture en littérature africaine*, Paris: L'Harmattan, 1994, p. 73.

imperfeita da heroína, a mestiça Kolélé. A constatação de uma dinâmica identitária (na dupla asserção esboçada acima) ligada aos artifícios da maquilhagem ficcional em que o “eu” de Lopès emerge no pacto fantasmático das obras levou-nos a formular um postulado que se baseia na releitura da dicotomia universo ficcional/universo social. Assim, a problemática da mestiçagem (lida como crise e busca do autor) produz um novo discurso romanesco que escapa aos limites da autobiografia secular, desembocando na autoficcionalização de Lopes. A nossa análise incidirá, por um lado, sobre os narradores mestiços e o ressurgimento da memória e, por outro, sobre o “eu” e o jogo do hibridismo em torno do “eu” como reconstrução.

Narradores mestiços e ressurgimento da memória

Enquanto Noël Victor Augagneur Houang tenta, no romance *Le lys et le flamboyant*, reconstituir uma biografia mais credível de Kolélé, André, em *Le chercheur d'Afriques*, conta a sua própria história. Se, na literatura, o apelido representa, de forma geral, um traço de coesão e de legibilidade⁴, nestes textos, observa-se uma certa flutuação, uma identidade oscilante.

⁴ Ian Watt, por exemplo, observa que “os nomes próprios têm exatamente a mesma função do que na vida social, na medida em que representam a expressão verbal da identidade particular de cada pessoa individual” e acrescenta, “em literatura [...] a função dos nomes próprios foi instaurada pela primeira vez no romance”. Leia-se, a esse respeito, “Réalisme et forme romanesque”, in *Littérature et réalité*, Paris: Seuil, 1982, p. 24.

Uma identidade oscilante

A identidade oscilante dos narradores é o primeiro passo para abordar a reconstituição biográfica do autor. Com efeito, o sistema nominal dos dois narradores é composto, como se o autor procurasse a expressão da mestiçagem dos narradores. Assim, André Leclerc, em *Le chercheur d'Afriques*, é chamado, no universo negro-africano, “Andélé” (que deriva, por epêntese, de André), nome que tanto é utilizado pela mãe e pelo tio Ngantsiala como pelos companheiros de jogo. Salientemos, também, que o patronímico se situa no registo da ambiguidade, por via das suas diversas e sugestivas realizações ortográficas (Leclerc ou Leclair, p. 17), tornando mais complexa, ainda, a procura do pai. André Leclerc é também “Okana André”, nome proposto para confundir os colonizadores que o procuravam para o escolarizar. Nome de camuflagem tanto em África como na Europa, onde, apercebendo-se de que o avô de Fleur (e o seu também) se prenominava André, pede que lhe chamem “Okana” (p. 251). Esta estratégia de dissimulação permite-lhe receber dois nomes de batismo, um transmitido pelo pai, outro pelo tio Ngantsiala:

“Esquece-te do teu nome europeu [...], se alguém o pronunciar perto de ti, ainda que se dirija a um homónimo, faz-te de surdo. Se alguém te disser que se chama Andélé ou Leclair, cumprimenta-o somente com um leve aceno. Não lhe dê a mão! Não sejas seu amigo! (p. 177)”.

Um nível de análise pode ser considerado como o da fantasia semântica (mas também da camuflagem), nomeadamente quando, no ato de marcação de uma consulta com o doutor Leclerc (o pai), o narrador usa o apelido “Lebrun” (p. 265). Fantasia onomástica, verdade racial ou cromática... E apresenta-se no gabinete com o nome Okana André Moïse. Não atingindo a mesma sofisticação na

arte da camuflagem onomástica, Augagneur, no romance *Le lys et le flamboyant*, usa, também, uma série de apelidos ou pseudónimos. Assim, ao longo da sua narração, observamos um apagamento do patronímico Houang, uma vez que, em virtude da sua ascendência chinesa, os seus amigos preferem tratá-lo por “Sinoa”. Torna-se patente, aqui também, o recurso à epêntese. Noël Victor Augagneur tem consciência da estranheza que a singularidade do seu nome poderá causar no seu Congo natal, pois refere:

“Há algo de insólito nesta aliança entre um nome cristão e um apelido chinês (p. 87); singularidade e dificuldade de uma eventual classificação na nomenclatura dos patronímicos e etnias bantu: ‘Não me estarão a questionar sobre a minha identidade, as minhas origens [...], de onde vem esse nome desconhecido nas nossas quarenta tribos?’ (p. 134).”

A análise da obra revela que a ambiguidade onomástica praticada pelo autor favoreceu o romance, nomeadamente se tivermos em consideração a história das identidades da personagem principal Kolélé (‘bom dia’ em língua bantu), de ascendência mestiça. Simone Ragonard (Kolélé) teve de alterar o seu nome de nascença, tornando-se Simone Fragonard, nos anos 30, por imposição da metrópole (p. 296), a fim de beneficiar das facilidades permitidas pela outorga da nacionalidade francesa. A vida agitada de artista e de militante política de ‘Monette’, diminutivo de Simone, levou-a a assumir diversas identidades: ‘Barbara, Débhora e, talvez, Betty’ (p. 214), ‘Célimène’, ‘Winnie Sullivan’ (p. 314), ‘Malembé Wa Lomata’ (a dulcineia de Lomata) ... A expressão da mestiçagem dos narradores está fortemente ancorada no discurso dos seus nomes, um discurso que os apresenta como personagens com identidades flutuantes, variando em função das uniões conjugais da mãe. “Nascido entre as águas [...] homem da simetria” (*Le chercheur d’Afrique*, p. 297) ou “peixe de entre

duas águas” (*Le lys et le flamboyant*, p. 56), estes narradores têm consciência de serem “uma adulteração de todas as raças e [...] com identidades manipuladas” (*Le lys et le flamboyant*, p. 325).

Este sistema nominativo flutuante é característico da expressão da identidade mestiça e das suas dificuldades. O autor age como se quisesse recorrer à expressão da mestiçagem dos narradores para restituir, por meio de pinceladas sucessivas, uma imagem estilhaçada da sua própria biografia.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
MARIA HELENA ANTUNES
Universidade de Lisboa